

Resenha

## Do rádio para o sucesso

09/04/2007

Olga Tavares\*

O filme "Dois filhos de Francisco", de Breno Silveira, que narra a trajetória da dupla sertaneja Zezé di Camargo e Luciano, enfoca também o papel fundamental que o rádio teve na conquista do sucesso dos irmãos. A importância é tão flagrante que a cena inicial mostra o pai Francisco ajeitando a antena do rádio em cima do telhado. Em casa, ele abraça o aparelho para sintonizar a estação escolhida e ver se havia dado certo o ajuste. Ficou encantado quando ouviu música pela primeira vez no rádio. No mesmo momento, sua mulher Helena anunciava a gravidez do primeiro filho, que seria Zezé. A família cresceu e o veículo continuou sendo uma espécie de guia para "seu" Francisco. Ouvindo rádio, ele ia sabendo as notícias atuais e ia alimentando a determinação de fazer dos seus filhos músicos famosos que tocariam nas rádios do país. Quando demoliu parte da casa para construir uma escola para seus filhos, Francisco o fez porque ouvira no rádio que todos tinham direito à educação e foi ao prefeito reivindicar professor para ministrar as aulas, alegando exatamente o que o rádio lhe havia informado. Para cantar nas emissoras de rádio, Francisco preparava os dois filhos mais velhos, escolhidos para a fama que ele acalentava, e os instrua diariamente. As ondas do rádio que ali chegavam é que iam inspirando Francisco à conquista do seu sonho. Ele até compôs uma música para os meninos cantarem na emissora de rádio local. A dupla de meninos chega a ter fama nos arredores sob os cuidados de um agenciador até o acidente fatal, que levou o filho Emival. Contudo, Francisco continua incentivando Zezé a dar a volta por cima e a retomar a música sozinho. Ele o faz e vai para São Paulo, onde não consegue êxito. Enquanto isso, o pai dá um violão de presente a Luciano sem que ele saiba tocar. Mas foi um incentivo. Zezé chama o irmão. Eles formam a dupla e gravam um disco que não foi lançado. Voltam para Goiânia, onde o pai leva uma das melhores músicas para uma emissora local. E "**É o amor**" vai ser a canção mais tocada depois que Francisco gastou todo o seu salário em fichas telefônicas que distribuiu entre amigos, familiares e transeuntes para que todos ligassem para a emissora de rádio pedindo a música. É o sucesso, finalmente! É o desfecho feliz de uma história de luta, de fé e de determinação. Um homem simples que pautou suas ações pelo velho rádio que escutava com dificuldade, mas consciente de que ele era o veículo da transformação.

Naquela época, década de 60, a televisão já tinha 10 anos de existência e dominava a mídia nacional. Fizera a mesma revolução que o rádio há 30 anos. Contudo, no interior do país – como em muitos lugares até hoje –, a abrangência do rádio ainda era superior. Com certeza, o rádio brasileiro teve um papel preponderante na construção do conhecimento de muitos brasileiros. A sua importância deve-se ao seu pouco valor de compra e à sua mobilidade – elementos que ainda vigoram para a sua resistência nesses tempos de alta tecnologia. Naquele Brasil agrário, o rádio continuava incrementando a dinâmica comunicacional no contexto social dos trabalhadores rurais como "seu" Francisco. Quando se mudam para Goiânia, a capital do estado, a função do rádio é aquela que atinge prioritariamente os bairros de periferia ou as favelas e que, atualmente, vêm sendo preenchida pelas rádios comunitárias, que é a de estabelecer uma relação cada vez mais direta com o ouvinte. Este dá opinião, pede música, envia notícias da comunidade.

O grupo social de "seu" Francisco e de sua família é aquele chamado por Luiz Beltrão (1980) de "os grupos rurais marginalizados", que são "subinformados, desassistidos ou precariamente contatados pelas instituições propulsoras da evolução social e, em consequência, alheios às metas de desenvolvimento perseguidas pelas classes dirigentes do país". Depois, fizeram parte dos "grupos urbanos marginalizados",

do subemprego e moradia precária, onde, inclusive, passaram fome. No entanto, através do rádio, "seu" Francisco e sua família puderam ter a esperança de ver sua realidade modificada. Tendo como aliadas uma percepção extraordinária e uma sensibilidade incomum, "seu" Francisco pôde, assim, detectar no seu rádio várias vozes do saber que ele agregava ao seu dia a dia para que o futuro se fizesse ali mesmo sob a luz da sua intuição e do seu querer.

**\*Olga Tavares** é professora do Curso de Comunicação Social da UFPB. Doutora em Comunicação.